

A práxis de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências

The practice of psychology professionals in disaster and emergency situations

La práctica de los profesionales de la psicología en situaciones de desastre y emergencia

Recebido: 17/10/2023 | Revisado: 29/10/2023 | Aceitado: 31/10/2023 | Publicado: 03/11/2023

Aaron Novais Seixas

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6671-8991>
União Educacional de Cascavel, Brasil
E-mail: seixasaaron@gmail.com

Ellen Caroline Chrun Vianna

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2797-5189>
União Educacional de Cascavel, Brasil
E-mail: ellen.vianna@univel.br

Resumo

Esta obra de cunho bibliográfico narrativo, convida acadêmicos e profissionais da psicologia a refletirem e a contextualizar sobre a sua prática em um campo de atuação que cresce conforme a evolução humana e perpassa a mesma: situações de desastres e emergências. Com o intuito de atribuir sentido a sua prática a partir de quem é afetado por ela, este artigo tem como o objetivo refletir e identificar possíveis condutas que o profissional possa adotar como construção de sua práxis. Logo, é preciso enfatizar alguns norteadores que contribuem para a atuação neste campo, sendo eles a conduta ética do profissional, a compreensão da dinamicidade do sofrimento humano e o aconselhamento psicológico, onde tais procedimentos estão diretamente atreladas ao âmago do sujeito, o que possibilita um maior subsídio para a construção da práxis do psicólogo(a) diante de situações de desastres e emergências. Contudo, sem a idealização de parâmetros que possam fundamentar a sua prática, ocorre o não diálogo sobre a temática, o que favorece para a falta de interesse pelos próprios profissionais da área, por justamente não compreenderem o que estrutura a sua própria práxis. Desta forma, as intervenções precisam estar articuladas com o foco na manutenção da vida e saúde do ser humano em sofrimento, garantindo uma atenção às suas necessidades básicas e possibilidades de reestruturação para viver.

Palavras-chave: Prática em psicologia; Desastres; Emergências.

Abstract

This narrative bibliographical article invites academics and psychology professionals to reflect and contextualize their practice in a field of activity that grows according to human evolution and permeates it: disaster and emergency situations. In order to assign meaning to their practice based on who is affected by it, this article aims to reflect and identify possible conduct that professionals can adopt as part of their practice. Therefore, it is necessary to emphasize some guidelines that contribute to action in this field, being them the ethical conduct of the professional, the understanding of the dynamics of human suffering and psychological counseling, where such procedures are directly linked to the subject's core, which enables a greater support for the construction of the psychologist's practice in the face of disaster and emergency situations. Nevertheless, without the idealization of parameters that can support their practice, there is a lack of dialogue on the topic, which leads to a lack of interest among professionals in the field, precisely because they do not understand what structures their own practice. In this way, interventions need to be articulated with a focus on maintaining the life and health of suffering human beings, ensuring attention to their basic needs and possibilities for restructuring their lives.

Keywords: Practice psychological; Disaster; Emergencies.

Resumen

Este trabajo bibliográfico narrativo invita a académicos y profesionales de la psicología a reflexionar y contextualizar su práctica en un campo de actividad que crece según la evolución humana y la permea: las situaciones de desastre y emergencia. Con el fin de dar sentido a su práctica en función de quiénes son afectados por ella, este artículo tiene como objetivo tiene como objetivo reflexionar e identificar posibles conductas que los profesionales pueden adoptar como parte de su práctica. Por lo tanto, es necesario resaltar algunos lineamientos que contribuyen a la acción en este campo, siendo él la conducta ética del profesional, la comprensión de la dinámica del sufrimiento humano y el asesoramiento psicológico, donde tales procedimientos están directamente vinculados con el núcleo del sujeto, lo que permite un mayor apoyo para la construcción de la práctica del psicólogo ante situaciones de desastre y emergencia. Sin embargo, sin la idealización de parámetros que puedan sustentar su práctica, causas falta diálogo sobre el tema, lo que conduce a una falta de interés entre los profesionales del área, precisamente porque no entienden qué estructura su propia práctica. De esta manera, las intervenciones deben articularse centrándose en mantener la vida y la salud de los

seres humanos que sufren, garantizando la atención a sus necesidades básicas y las posibilidades de reestructurar sus vidas.

Palabras clave: Práctica psicológica; Desastres; Emergencias.

1. Introdução

Para começar a discutir sobre o que tange a estrutura da prática de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências, é fundamental compreender que desastre é um fenômeno que atravessa o sujeito de uma perspectiva individual e coletiva, sendo que elas mobilizam a pessoa de alguma forma, esta que é atuante na sociedade, onde seu contexto se insere em seu cotidiano e faz parte de sua individualidade (Weintraub et.al., 2015).

Desta forma, Weintraub et.al., (2015) apontam que a práxis destes profissionais começou a ser discutida a partir da década de 70 no Brasil, onde passa-se a observar como tal fenômeno interfere na vida tanto quanto individual e social do sujeito, de forma que fora criado, atualmente vinculado ao ministério da integração e do desenvolvimento regional: a Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, que se atém a atender um conjunto de ações preventivas e proporcionar a resposta ao fenômeno quando acomete o sujeito, fazendo assim uma tentativa a recuperação da vida e retomada da normalidade que o sujeito dentro de uma população tinha antes do desastre.

As ocorrências de emergências e desastres crescem demasiadamente, sejam por causas naturais (ações da natureza) ou provocadas por ações humanas, doenças, acidentes, massacres, perdas.... Onde a concepção de desastre representa uma crise no sistema social e particular da vida do sujeito, sendo este um evento concentrado em determinado tempo e espaço, provocando destruição no campo material ou intelectual da pessoa acometida pela fatalidade. A emergência é caracterizada por uma situação crítica que requer medidas de apoio imediatas e eficientes para a manutenção da vida (Gonçalves, 2019).

Oliveira et.al., (2022) preconizam que as situações de desastres e emergências causam um forte impacto na existência da pessoa que foi acometida pela ocorrência. Este impacto interfere em todos os contextos de relação que a pessoa tenha, onde a resposta ao acontecimento, depende da intensidade e o tipo do mesmo, contexto social, cultura e a comunidade que a vítima está inserida, de forma que haja a viabilização do acesso da vítima a meios que possam contribuir para a sua recuperação.

Bruck (2009) aborda que a psicologia das emergências se atém a ações preventivas até o pós-trauma e visa apoiar não apenas as vítimas, mas também outros profissionais que contemplam um trabalho em conjunto; desde a rede de assistência social até o campo da medicina. Desta maneira, as ações de atuação do psicólogo devem compreender o contexto que a vítima acometida pelo fenômeno se encontra e se ater a emergência do humano, logo; manter a vida viva.

Por meio deste, Weintraub et.al., (2015) contextualiza que a atuação dos profissionais da psicologia em um panorama que vai de encontro ao direito da vida, de existir, de se relacionar com o meio, é tênue ao sofrimento humano, sendo que o profissional transita entre a normalidade e a dor ou transita da normalidade para a dor, a perda e crise e por consequência; a patologia (trauma) usada como mecanismo de legitimação da experiência ao desastre.

Neste sentido as intervenções neste campo precisam estar articuladas a políticas públicas e ao SUS - Sistema Único de Saúde e SUAS – Sistema Único de Assistência Social, para assim garantir o direito à vida das vítimas, de forma que a compreensão do profissional sobre a situação, precisa estar alinhada a intervenção, onde saúde e bem estar devem caminhar juntos no processo de melhoria e reconstrução do sujeito, visto que isto fora retirado da vida da pessoa acometida por situações de desastre e emergências, onde é necessário que a vida seja colocada em primeiro lugar (Gonçalves, 2019).

Sendo assim a prática que se relaciona com o atendimento de vítimas de desastres e emergências tem como base o aconselhamento psicológico, a fim de ser um atendimento breve e centrado no sujeito, proporcionando o acolhimento do que emerge de um ser dotado de vontades e impulsos que precisa ser ouvido de forma terapêutica e genuína diante de uma demanda que deve ser atendida rapidamente, aproximando o sintoma e a queixa do sujeito e intervindo a partir disto (Weintraub et.al., 2015).

Gonçalves (2019) também sugere que a prática adotada pelo profissional, após garantir que este sujeito tenha acesso ao básico para viver, é a entrada em um atendimento com foco neste sujeito, onde a escuta atenta, proporciona uma vazão ao sofrimento e uma nova compreensão da vida após a situação de crise. Onde o profissional, vinculado aos órgãos públicos/privados pode ainda promover ações de auxílio psicológico voltadas para as vítimas do fenômeno.

Posto isto, Oliveira et.al., (2022) discutem que é necessário haver mais estudos sobre a psicologia de desastres e emergências para promover mais respaldo sobre a prática do profissional psicólogo(a), e também mais interesse pelos próprios profissionais, que precisam se manter atualizados sobre a temática e conhecer mais da mesma, para haver conteúdo a ser tratado sobre as ações de intervenção na área de desastres e emergências no âmbito da psicologia.

Portanto, é fundamental para o profissional psicólogo(a) que atua neste campo, ir além do que já existe como modo de mediação ao desastre, explorando a sua própria prática e promovendo saúde e qualidade para a vida, articulando seu trabalho com outros profissionais e entidades que contribuem no processo de readequação do sujeito (Bruck, 2009).

Deste modo, o objetivo deste estudo teórico é refletir e identificar possíveis condutas que o profissional possa adotar como construção de sua práxis. Possibilitando um caminho sobre o que fazer de fato em situação de desastres e emergências. A partir disto, é fundamental as premissas de compreender as ações de intervenção do psicólogo(a) neste contexto, colocar em foco o sujeito acometido pelo desastre e/ou emergência e explanar o aconselhamento psicológico como método interventivo.

Portanto, diante das asserções explanadas, a obra contextualiza e explora o campo de atuação do profissional da psicologia diante de contextos em que a saúde e bem estar do ser humano são comprometidos, acerca deste, ou seja: a sua prática. Assim sendo, se prioriza traçar meios de compreensão para subsidiar tal linha de raciocínio sobre as ações perpetuadas nos cenários emergenciais que requerem uma medida rápida, íntegra e eficiente, para possibilitar que o sujeito tenha mais respaldo perante a sua atuação sobre a vida em um cenário divergente do que se tinha como normal. Neste sentido, emerge a indagação: Como o profissional da psicologia exerce a sua prática em situações de desastres e emergências? Considerando aqueles que são afetados por estas situações como foco da atuação frente ao tema proposto.

2. Metodologia

Acerca da construção científica, fora empregado à pesquisa bibliográfica narrativa como método de aplicação sobre os conteúdos discentes nesta obra, onde foram utilizados como base de dados e buscadores: *Scientific Electronic Library Online-SciELO* e *Google Acadêmico* com as seguintes palavras-chaves: “Desastres”, “Emergências”, “Prática”, “Psicologia”, “Psicólogo” e também, uma pergunta norteadora: “Como é construída a prática de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências?”. Sendo que não houve restrição quanto à data de publicação. Também utilizou-se livros acerca da temática e normas técnicas da psicologia referente a mesma.

Frainer (2020) considera tais procedimentos como um método de investigação e análise, que são atribuídos aquilo que se pesquisa. Destaca-se nesta pesquisa o procedimento bibliográfico, onde pela análise deste, pode concluir aquilo que se alcança como resultados de uma indagação, tal qual que é desenvolvida por critérios específicos que fundamentam e dão estrutura no proceder do pesquisador sobre o que se pesquisa.

Souza et al., (2009) apontam que a pesquisa bibliográfica tem como propósito uma revisão da literatura, proporcionando um estudo mais íntegro e significativo de acordo com a linha de pesquisa que o pesquisador se propõe a estudar, potencializando seus resultados e atribuindo relação com a temática.

Então, a pesquisa bibliográfica narrativa, trata-se de uma perspectiva ampla e apropriada para descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob um ponto de vista teórico e atual. Constituindo uma análise bibliográfica na interpretação crítica pessoal do autor. Esta categoria possibilita ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento acerca de um tema

específico em um curto espaço de tempo, levando a uma integridade e fidedignidade do que foi apresentado, por se tratar de uma revisão de caráter qualitativo (Rother, 2007).

Portanto, esta pesquisa leva em consideração a peculiaridade daquilo que está sendo contemplado no estudo e a do pesquisador, de acordo com o objetivo que se define. Logo, este artigo atribui tais métodos de pesquisa, para verificar os pressupostos e realizar apontamentos acerca do tema: a práxis de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências.

3. Resultados

De antemão, as contribuições do profissional da psicologia nesta área precisam ser estudadas para planejar intervenções que minimizem situações de risco, tanto na prevenção quanto no auxílio direto às vítimas, tais que têm um papel muito importante na cronologia de uma crise. Então, o desastre é o resultado de acontecimentos adversos, naturais ou humanos sobre um ecossistema vulnerável, causando danos materiais, ambientais e consequentes prejuízos econômicos, culturais e sociais para aqueles que foram afetados diretamente ou indiretamente por tal ocorrido (Franco, 2021).

Desta forma a intensidade de um desastre depende da interação entre a magnitude do acontecimento adverso e a vulnerabilidade do sistema acometido. E a emergência se caracteriza por uma situação crítica, perigosa ou súbita, na qual existe o reconhecimento legal pelo poder público de uma situação anormal, desencadeada por desastres, causando danos à pessoa ou comunidade afetada. Sendo assim, são situações inesperadas que podem comprometer a vida e a integridade física/mental de uma ou várias pessoas, refletindo em perdas materiais, econômicas e da própria vida, causando impacto emocional nos afetados, interferindo na reconstrução da comunidade ou da própria pessoa (Franco, 2021).

De acordo com Shoygu (2014) às experiências das pessoas afetadas por situações de desastres e emergências são intrínsecas a cada ser humano, onde a reconstrução da pessoa acontece a partir de ações voltadas para o cuidado em particular do sujeito ou da comunidade. Na qual, as pessoas têm de ser amparadas e ter subsídio para se reconstituir, tendo operações e medidas perante tal reconstrução, que devem ser pensadas na vivência particular da vítima e de maneira coletiva, incluindo as próprias necessidades básicas para a vida da pessoa, como suplementos de higiene, abrigo, alimentação e documentações e entre outros.

Na visão de Coêlho (2010), é preciso levar o acesso à informação acerca de desastres e emergências em todos os cenários em que o ser humano se relaciona, logo cabe ao psicólogo(a) discutir tal área em seus diversos campos de atuação, desde que haja um contexto para tal. Assim, contribuindo para que a perspectiva do olhar sobre o risco possa ser desenvolvida e ampliada nas pessoas, a fim de evitar possíveis cenas de desastres e agregar mais informação sobre o que permeia este campo de atuação da psicologia.

Silva e Menezes (2021) problematizam que a percepção de risco é oriunda daquilo que o indivíduo/comunidade tem como perigo. Onde a associação perante o risco, está ligada a fatores criados em comunidade, que se tornam visíveis no campo pessoal de cada pessoa. Logo, o profissional psicólogo(a) desassocia e amplia o parâmetro da concepção de risco ou mesmo de uma não concepção sobre, para evidenciar que a vida das pessoas pode estar comprometida diante de uma situação que pode vir a acontecer.

As situações de desastres e emergências geram uma crise, tal qual é desencadeada a partir da percepção de risco e experiências que a comunidade ou a pessoa viveu, onde os mecanismos de superação do sujeito passam a ser insuficientes. Assim, as ações de intervenção impossibilitam prever o tempo de recuperação necessário para a pessoa/comunidade, todavia servem de auxílio para que tais possam vir a se reestruturar de maneira saudável e qualificada perante a vida, sendo que a discussão acerca de desastres e emergências precisa ser pautada em comunicação e informação para as pessoas, uma vez que

estes elementos fazem parte de seu contexto e tais podem auxiliar ou não no andamento das operações interventivas necessárias (Franco, 2021).

O acesso à informação na prevenção de possíveis desastres e emergências é fundamental para amplificar a ideia de risco para a população, contudo esta precisa ser assessorada pelos órgãos públicos responsáveis pela mediação da crise, em vista de garantir recursos para esta população, onde estes devem dar estrutura para assegurar o percurso da vida, pois apenas com a informalização sem gerenciamento estratégico, gera uma imponência diante da vida, devido ao sujeito se sentir à mercê do que pode vir a acontecer (Silva & Menezes, 2021).

Bruck (2009) considera que o profissional psicólogo(a) que atue neste cenário precisa estudar o comportamento das pessoas, para interligar ações preventivas até o pós trauma, podendo assim, subsidiar intervenções de compreensão e apoio à/às vítimas e aos socorristas. Também abrange, que desde a experiência pessoal de estresse (emergência) até acontecimentos provocados pelo desastre, as intervenções não são suficientes, assim como conhecer ou saber descrever as teorias que as sustentam, pois é necessário sobretudo, saber significá-las.

Coelho (2010) salienta que ao promover a discussão sobre esta temática, se torna compreensível o quão perto de nós ela está, logo a partir do momento que se sensibiliza as pessoas sobre tal, o efeito de prevenção se desenvolve à medida que se tem consciência sobre a existência e percepção a médio e a longo prazo do que pode vir a acontecer, levando o sujeito a refletir sobre seu papel nisto que pode vir a atingi-lo.

Por conseguinte, o psicólogo(a) que atuara nestas situações deve realizar treinamentos acerca da temática e um estudo mais aprofundado, devido a formação generalista deste profissional não contemplar de maneira consistente esse campo de atuação. E também, um preparo para trabalhar com disponibilidade integral e sob o impacto de carga emocional forte. Além disso, é preciso respeitar a equipe multiprofissional, identificar as possibilidades técnicas e pessoais de cada profissional de diferentes áreas, assim como seus limites e prioridades. Logo, é necessário reconhecer o local de atuação e quem são a/as pessoas afetadas, pois assim, quanto mais estável for a configuração e o reconhecimento destes, mais se conseguirá garantir orientações e ações interventivas, se atendo nas necessidades psicossociais do sujeito/comunidade (Franco, 2021).

Com base nesses apontamentos, é importante colocar em evidência que diante dos contextos de atuação do profissional perante ao seu campo de intervenção, que existem três imprescindíveis temáticas que norteiam e dão base no que tange a possível resposta a indagação de como o profissional da psicologia exerce a sua prática em situações de desastres e emergências. Onde dentre estes aspectos, o primeiro é pautado na legislação ética da psicologia, o segundo se atém em legitimar o conteúdo intrínseco expresso pelas vítimas que estão em uma situação de emergência e desastre, ou seja, compreender a humanidade da vida que está diante do sofrimento, o terceiro se condiz em articular o aconselhamento psicológico como uma ferramenta de intervenção nestes casos. Com tais premissas se torna possível traçar um norte sobre uma perspectiva interventiva que atravessa e atinge o sujeito de maneira única e intransferível.

4. Discussão

Como afirma Franco (2021) a ausência da comunicação sobre a psicologia de desastres e emergências perante a prática do psicólogo(a), pode ocasionar uma percepção desvirtuada sobre o assunto, ou simplesmente uma não percepção sobre, pois no âmbito profissional e acadêmico, a não discussão pode compartilhar uma tendência ao desinteresse neste campo de atuação, devido a uma percepção confusa sobre como proceder diante da situação. E na comunidade afetada ou para a pessoa, aumenta as possíveis crises de psicopatologias decorrentes do fenômeno crítico, que leva estas a um adoecimento mental, tal qual, que pode se agravar e levar a quadros de transtornos e comorbidades que irão fazer parte da vida destas pessoas, devido ao contexto que elas estão vivendo, além de potencializar ideações suicidas e ocasionar um desinteresse pela

vida. Portanto, perpetua-se três pressupostos que tem como objetivo contribuir e refletir sobre como o psicólogo(a) exerce a sua práxis nesta área de atuação da psicologia que por sua vez é de apropriação do psicólogo(a).

4.1 A conduta profissional e a construção de sua práxis

Barbosa et.al., (2023) salienta que a atuação do psicólogo(a) nas ocorrências de desastres e emergências deve estar vinculada a políticas públicas específicas, que foquem na prevenção da situação de crise, onde é essencial ser articulado a prevenção destas ocorrências em dois contextos, o primeiro é o preparo de profissionais qualificados para uma atuação integra, o segundo está nas comunidades de risco, as preparando para possíveis medidas de emergência e também precavendo possíveis riscos, podendo assim implementar estratégias que possam subsidiar a precaução de acordo com cada realidade das populações acometidas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (2015) pressupõe que os primeiros cuidados psicológicos “PCP” em situações de desastres e emergências, precisam respeitar a segurança e a dignidade e os direitos das pessoas acometidas pelo evento, onde o psicólogo(a) deve se ater em suas ações, as respaldando eticamente, assegurando o acesso ao direito das pessoas, levando assim a assistência que tais necessitam primordialmente, sendo que suas ações interventivas devem ser adaptadas a cultura e costumes da população, onde a escuta qualificada e sem preconceitos é essencial para que o sujeito possa se sentir confortável em meio ao desconfortável e assim tentar elaborar seus sentimentos e emoções.

Segundo o CRP-PR (2019) o respaldo a partir da práxis também tem base no código de ética do profissional psicólogo(a), na defesa civil e nas orientações que o conselho regional de psicologia dispõe, tais quais contribuem para uma melhor intervenção nestes casos de crise no que tange o cenário de desastres e emergências. Por meio deste, sobre o apontamento do código de ética (2005, p.9); é vedado aos psicólogos induzir "convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou qualquer tipo de preconceito quando do exercício de suas práticas profissionais”. Então, vinculado a defesa civil, o conselho segue recomendações de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação perante a atuação do profissional, também orienta que registros fotográficos não devem ser coniventes com a prática e entrevistas sobre o caso não cabe ao profissional conceder, recomenda-se o registro de atendimento do que fora efetuado e promover um ambiente de acolhimento na intervenção.

Tais diretrizes trazem a importância do profissional conhecer e obter informações sobre onde irá exercer sua prática, a quem se reportar, que o profissional conheça sobre o caso, saiba a quem encaminhar, quem são os órgãos competentes pela intervenção na situação e, que sempre se mantenha atualizado sobre a temática. Também é preciso a constante aprimoração e capacitação profissional para as ações em desastres e emergências, visto que neste cenário as situações tendem a serem incertas e voláteis. Junto a isto, faz-se importante o preparo emocional para a atuação neste campo, pois estas situações tendem a ter um impacto forte e vivências intensas não apenas na vida das pessoas acometidas, mas pelos profissionais que intervêm também, destaca-se aqui o profissional da saúde mental; psicólogo(a) (CRP-PR, 2019).

Também, a OMS (2015) orienta que o profissional siga instruções das autoridades competentes que sejam responsáveis pelo gerenciamento da crise, saiba quais recursos estão a sua disposição e saiba qual seu papel e os seus limites de atuação em seu contexto de acordo com a situação a qual está, bem como o autocuidado perante si mesmo, onde a atenção também precisa ser focada em si para estar em condições favoráveis ao seu trabalho.

O Conselho Federal de Psicologia-CFP (2013) acerca das orientações quanto à prática do psicólogo em situações de desastres e de emergências aponta que as ações estão vinculadas a gestão integral de riscos e de desastres, interligados a práticas de prevenção, mitigação, preparação, resposta e recuperação, onde devem trabalhar juntas a estratégias do Sistema único de Saúde-SUS e a políticas públicas que abranjam o sujeito por completo sobre o Sistema Único de Assistência Social-SUAS.

Portanto, é orientado que as práticas devem não apenas serem realizadas com as vítimas do evento, mas também com famílias e os próprios profissionais que estão trabalhando com o caso em específico. Sendo que esta prática precisa estar de acordo com o plano de contingência de proteção e defesa civil, elaborados pelo município/estado/governo federal, onde tal plano precisa garantir que o trabalho seja feito de maneira multiprofissional (CFP, 2013).

Neste contexto, o Conselho Federal de Psicologia CFP (2013), apresenta que é imprescindível o registro documental dos atendimentos realizados pelo profissional, onde tais documentos precisam ser guardados pelo prazo mínimo de 5 (cinco) anos, onde a responsabilidade de proteção aos documentos é do psicólogo e/ou da instituição em que ocorreu o serviço e que o registro documental deve ser mantido em local que garanta sigilo e privacidade, mantendo-se a disposição dos conselhos de psicologia para orientação e fiscalização.

Segundo o CRP/RS (2013) às ações do psicólogo, independente de onde se originam, deve estar linkadas e dentro de uma proposta, sendo que esta, precisa conter planos não apenas do psicólogo(a), mas também de equipes locais de apoio, que estão no engajamento de tal proposta. Logo, é evidente que é preciso escutar para além daquilo que pode ser ouvido e enxergar para além do que pode ser visto e assim compreender de fato sua demanda, podendo atribuir sentido ao sintoma que o sujeito verbaliza, seja com a fala, com o corpo ou da maneira que o sujeito trazer. Deste modo a emergência pede uma rápida atuação em resposta ao desastre, portanto o psicólogo(a) está dentro de uma rede com um objetivo em comum: a vida da vítima em questão. Onde o cuidado com a vítima perpetua a prática do profissional, logo o acolhimento da pessoa em sofrimento não pode ser deixado de lado, por justamente o desastre precisar de uma medida eficiente, pois agora a pessoa não se relaciona mais com o seu meio igual anteriormente, sua vida foi interrompida, e trazer à tona uma perspectiva nova perante ela é importante para a continuidade da mesma.

Por conseguinte, o CFP (2021), Conselho Federal de Psicologia, traz na gestão integral de riscos, emergências e desastres que a vítima está atrelada a um sistema, onde este é social e individual. Um desastre desestabiliza este sistema, fazendo com que quem está nele precise se reinventar. O papel do psicólogo neste sistema é contribuir com a reestruturação do mesmo, levando em conta aspectos culturais deste, dando assim importância ao sofrimento da pessoa de maneira que ela possa também coincidir com um novo contexto.

Neste sentido, o sofrimento em massa, uma vez compartilhado, pode ser amenizado e isto acontece pela solidariedade mútua em comunidade, pois o profissional deve reconhecer quando há um potencial e protagonismo perante as próprias vítimas e por quem elas têm como rede. No entanto é necessário que esta comunidade possa adquirir recursos e conhecimento de prevenção, mitigação e pós-venção a respeito de riscos que perpassam o meio delas, assim, fomentando e construindo condições e estratégias de manejo para terem mais autonomia na sua própria conduta perante situações de adversidade sobre desastre e emergências (CFP, 2021).

Logo, espera-se da psicologia uma humanização e sensibilidade em relação ao humano, à cultura, tradições, costumes, crenças, religiosidade, espiritualidade, o manejo comunitário que o próprio sistema cria para contribuir na reestruturação das vítimas, e tudo aquilo que for do sujeito que aparece nas comunidades atingidas. Acerca deste, o psicólogo contribui com uma escuta qualificada para que as vítimas afetadas possam ter um espaço de sentir o sofrimento de maneira que seu luto possa ser legitimado, autorizado e respeitado. Pois, devido a intensidade do contexto que elas estão, a pressa para sobreviver pode ocasionar de maneira confusa uma percepção distorcida dos fatos, levando o sujeito a não se importar com a validação de seus sentimentos e a perplexidade da perda e também suas próprias convicções (CFP, 2021).

Meller (2015), propõe manejos que visam assegurar e manter a qualidade de vida das vítimas perante as intervenções nos cenários que se perpetuam o “caos”, tais quais devem ser adotados pelo profissional da psicologia para intervir sobre a demanda, onde estas intervenções dão base e respaldo para uma maior gama de trabalho com as situações e as pessoas

acometidas por ela. Dentre os manejos, cabe o contato, segurança, estabilidade, coleta de informações, conexão do indivíduo com a rede social e, informar.

Estas propostas, possibilitam uma atenção do sujeito perante a sua realidade e aquilo que pulsa sobre suas necessidades de vida. Deste modo, a perspectiva que atribui sentido no trabalho do profissional, a partir do que pulsa, do que saí, da vontade, e é trazido pela individualidade da pessoa, é a perspectiva de trazer a pessoa para a sua realidade e contribuir para que tal, possa se manter de acordo com a sua necessidade momentânea, logo é munir o sujeito de consciência em suas tomadas de escolhas, ampliando suas possibilidades, o tornando protagonista e tirando-o de um patamar de vítima (Meller, 2015).

Por conseguinte, a OMS (2015) aponta que o profissional junto ao sujeito, encontre meios de lidar com a situação de maneira que estes sejam autênticos do sujeito, o que pode incentivar as pessoas a se sentirem no “controle” novamente. Ou seja; a maneira que a pessoa encontra para lidar com o problema deve ser aprimorada e incentivada quando há uma boa tomada de decisão.

Logo, de acordo com as propostas de Meller (2015), especifica-se o Contato: realizar um envolvimento de forma não abrupta com os indivíduos relacionados ao evento emergencial. A forma de comunicação utilizada com alguém em crise deve ser cuidadosa, devido à confusão mental que essas pessoas podem estar vivenciando. Por causa disso, demonstrar calma e compreensão pode auxiliá-las a se sentirem mais protegidas e conseqüentemente, mais calmas.

Também, a Segurança: onde visa assegurar a redução de riscos e possíveis ameaças que o indivíduo possa estar vivenciando naquele momento. Com a diminuição dos riscos, procurar-se estabilizar as pessoas – que podem estar desorientadas, tentando propiciar um ambiente desprovido de sons, cheiros e exposições ao evento crítico. Pode ser verificado também se o indivíduo está satisfazendo suas necessidades fisiológicas, tais como alimentação e descanso, a fim de trazer-lhe mais conforto. A Estabilidade, precisa proporcionar fornecimento e clarificação de informações relacionadas ao desastre, oferecer dados precisos sobre a tragédia, no que pode implicar em alívio aos sobreviventes, que tentam compreender a situação, também procura-se ouvir os que desejam compartilhar suas emoções, sem forçá-los a realizar verbalizações (Meller, 2015).

O autor também apresenta a coleta de informações: Avaliar com sobreviventes e envolvidos as suas reais necessidades e preocupações, para que se possa verificar se a assistência está sendo eficaz. Onde a conexão do indivíduo com a rede social: visa aproximar o indivíduo do seu suporte primário; identificando familiares e amigos que possuam mais recursos para auxiliar os demais envolvidos. No informar é preciso: oferecer informações verbais ou escritas, tais como habilidades de enfrentamento e resiliência, com a finalidade de instrumentalizar os indivíduos frente a situações de crise. Além disso, são fornecidas informações acerca de serviços de colaboração, como os de saúde mental, que estão disponíveis para dar continuidade ao auxílio psicológico, caso seja necessário (Meller, 2015).

Bruck (2009) acrescenta que o psicólogo deve entender quem são as vítimas do evento, logo contextualiza 6 (seis) concepções de vítimas; onde a primeira é de primeiro grau, que são as que sofrem o impacto direto das emergências/desastres. As de segundo grau são familiares e amigos, as de terceiro grau são ocultas e são os integrantes das equipes de primeiros auxílios, psicólogos, médicos, policiais, pessoas da defesa civil, voluntários, bombeiros, as de quarto grau é a comunidade afetada como um todo, as de quinto grau são as pessoas que sabem do evento pelos meios de comunicação e as de sexto grau, são aquelas que não se encontravam no lugar do acontecimento, mas que poderiam estar lá.

Ainda mais, Bruck (2009) sugere que os primeiros auxílios psicológicos devem ser pautados com as características do cenário apresentado, sendo que os objetivos resguardam avaliar as manifestações de sintoma e sofrimento das vítimas, reduzindo sentimentos de anormalidade e de enfermidade e prevenir e abrandar o pós-traumático, tentando estabelecer

conexões psíquicas de raciocínio, para readaptar as pessoas às novas condições de existência, potencializando assim o curso da vida.

Perante estes pressupostos, Trindade e Serpa (2013) contextualizam a discussão sobre a pauta de intervenção no contexto da atuação do profissional da psicologia, onde está é recente e, está sendo articulada em todos os focos que estão relacionados ao desastre e a emergência perante o sujeito e a comunidade, contudo compreende-se que é um fenômeno que sempre esteve presente no cotidiano das pessoas, todavia a discussão sobre a temática, só teve início há pouco tempo na psicologia e no Brasil.

Onde trabalhar na atenção de risco perante a demanda que o contexto apresenta é aprimorar a atenção a partir da concepção do que virá a ser desastre e emergência no cotidiano da sociedade, para começar-se a propor planos de intervenções de acordo com aquilo que se entende por ele, uma vez que fora fundamentado que a psicologia exerce o papel, neste quesito de mediação do sofrimento causado pelo evento, promovendo a atenção básica à saúde e por via desta a manutenção da vida, visto que tais situações abalam a condição humana (Trindade; Serpa, 2013).

Portanto, a atuação do profissional entra em todos os contextos que existe o sofrimento decorrente de uma fatalidade, logo os campos vão desde a clínica até o voluntarismo onde os pressupostos são os mesmos e a prática de aconselhamento psicológico enquanto uma modalidade de intervenção é recorrente neste âmbito. Com essa compreensão, pode-se ter noção dos contextos de emergências e desastres que perpetuam a ação dos profissionais. E em relação a isto, necessita-se que tal profissional seja qualificado para se inserir na área, desta maneira, possibilitando uma ação íntegra e efetiva diante dos fatores apresentados. Portanto o papel do psicólogo nesta área é propor uma intervenção que contribua para a retomada da vida da vítima, de forma que perpassa pela pessoa em sua singularidade e coletividade, assim, garantindo direitos básicos e saúde mental para as pessoas que foram acometidas por uma situação de desastres e emergências (Trindade; Serpa, 2013).

Desta forma, Barbosa et.al., (2023), apresenta que a psicologia de desastres e emergências precisa ocupar todos os âmbitos em que o sujeito se relaciona com o meio, pois a atuação do profissional não acontece apenas quando ocorre a situação, mas antes dela também, logo a compreensão sobre desastres e emergências precisa transitar em escolas, na rede de assistência social de básica, média e de alta complexidade, nos hospitais, nas unidades básicas de saúde, nas organizações, no trânsito, no âmbito jurídico, no esporte e na grade curricular dos cursos de psicologia e todo o espaço em que o cotidiano do ser humano pode vir a ser comprometido por situações de desastres e emergências, assim levando a população profissionais mais respaldados para contribuir perante esta demanda.

4.2 A atuação profissional sobre o ser humano em constante movimento, da dor para a vida

Garcia e Faria (2020) tornam evidente que o luto é um processo natural de um vínculo importante que o sujeito tinha, sendo que as perdas se referem a morte, projetos, relações, bens materiais e entre outros. Em situações de desastres e emergências o luto se torna complicado por suscitar um sofrimento que pode agravar em quadros psicopatológicos, o que decorre de fatores do próprio contexto, como não encontrar o corpo de alguém, não poder velar, não poder se despedir, onde tais fatores podem implicar neste luto complicado.

Arantes (2021) contextualiza que as perdas estão acompanhadas pelo luto, onde quando perdemos alguém ou algo, perde-se também parte de nós. Contudo, as perdas caminham juntas com as pessoas, mas estas, não são ensinadas a perder e a lidar com tal fato, logo o processo de readequação diante daquilo que se perdeu é dificultoso e doloroso. Este processo de elaboração do sujeito começa a partir do momento que ele se fecha para a vida, um movimento natural do ser humano. Todavia a vida convida a pessoa a viver novamente em algum momento, havendo momentos em que a dor chega sem convidar a pessoa, apenas deixando que tal, sinta ela de alguma maneira.

Advindo disto, as perdas em desastres e emergências variam em individuais e coletivas, pois além da perda por morte, acontecem outros tipos de perdas, como a da identidade daquele sujeito, a confiança deste, sua dignidade, agravações físicas e sequelas em seu corpo, projetos para a vida e entre outros, englobando as dimensões social, familiar, econômica e política. Estas perdas decorrem da situação enfrentada pelo sujeito, onde tal perde sua própria defesa e certeza sobre as coisas que o cerca, o levando a uma ambivalência sobre seu atual estado na vida. Então, independente da perda sofrida, precisa-se olhar para a vítima com atenção integral, pois é preciso estar ciente de suas perdas para haver o cuidado perante elas (Garcia; Faria, 2020).

Logo, em situações de desastres e emergências a dor e o sofrimento que estão presentes no sujeito enlutado são importantes para que o luto possa ser vivenciado. Tais situações potencializam uma maior experiência com o sofrimento, devido a ocorrências de perdas nesta vivência, o que leva a pessoa a ter contato direto com aquilo que lhe traz mal estar, e assim experienciar legitimamente sua angústia. Logo, o luto está presente nas relações destas pessoas e também está presente nelas mesmas, devido ao choque provocado pela perda e o que causou a perda, de forma que o luto vivenciado pelo sujeito é intransferível e precisa ser sentido da maneira mais humanizada possível para que haja uma reorganização adequada para a vida (Franco, 2021).

Consoante a Chaves e Henriques (2008) que colocam o sujeito como ser em constante busca por sentido em sua existência perante a perda e a compreensão de sofrimento, mesmo sem a garantia de um alívio, devido a esperar que se possa encontrar um lugar onde o sofrimento possa ser ouvido e visto e assim suportado, no sentido de que o psicólogo oferece este suporte ao sujeito, assim a angústia encontra um espaço que possa ter vazão, possibilitando uma reorganização da queixa do sujeito.

Posto que Arantes (2021) ainda afirma que a vida que o sujeito tinha antes de uma perda, não será mais a mesma devido que antes o sujeito tinha onde morar, onde comer, onde tomar banho, onde ter privacidade, tinha saúde, tinha um alguém, tinha algo que estava ali todos os dias, algo tátil, algo visível, palatável, amável e agora não se tem mais. Onde a construção de um novo normal, depende do sujeito, pois precisa fazer sentido para que ele possa se reinventar. Aquilo que o sujeito veio a perder pode habitar nele, de maneira reflexiva e isto pode trazer sentido a uma nova construção para a vida da pessoa, contudo, a perda leva a percepção de segurança das pessoas para um outro lugar, um lugar diferente, pois estar seguro e estar salvo são coisas diferentes. Onde para estar seguro é preciso de subsídios perante a vida e mesmo tendo segurança, podemos perdê-la. Já estar salvo é se sentir confortável diante de não ter segurança.

Também é discorrido sobre a perspectiva do luto de acordo com a cultura da sociedade que foi acometida pela situação ocorrida, pois o sofrimento é internalizado de maneira diferente por cada sujeito, e a cultura do mesmo, impacta no trabalho do profissional, este que deve respeitar os preceitos da comunidade e trabalhar a partir da abertura que tal possibilita. Logo o que se tem como patologia em decorrência de situações de desastres e emergências, deve ser repensada a partir da comunidade afetada, pois o que é entendido como doença, pode divergir perante a cultura da esfera comunitária (Garcia & Faria, 2020).

Shoygu (2014) mostra que o sujeito em circunstâncias extremas de crise, pode ter uma negação a respeito das ações de intervenção do psicólogo, crendo que de nada valem, devido a perda se torna maior que a própria pessoa. Porém, o profissional precisa promover a saúde e compreender a ambivalência do sujeito em sofrimento e tentar trazê-lo para um ambiente divergente do desastre; o acolhimento e permissão para ser, ser humano. Desta forma, prestar apoio de maneira humanizada e prestativa às pessoas, pois a saúde mental destas dependem da condição que elas se encontram.

Rosa et.al., (2022) consolidam que o trabalho do psicólogo(a) nas situações de crise, advindas de desastres e emergências necessita ser humanizado e sensível a fragilidade da vida, promovendo assistência desde a garantia de direitos civis até o suporte psicológico em modalidade de aconselhamento psicológico, com o intuito de minimizar o sofrimento gerado

pelo impacto do fenômeno de crise. Onde a atuação deste profissional é de caráter humanitário, visto que a vítima ocupa um lugar de vulnerabilidade em suas circunstâncias, dado que cabe ao profissional estabelecer um trabalho amparado com a rede de assistência do local, para intervir de maneira integral.

Onde, Chaves e Henriques (2008) consideram que o acolhimento do profissional perante a situação em que a pessoa está, é fundamental para a validação e afirmação dos sentimentos da mesma, com o intuito de aprimorar a capacidade de enfrentar a vida diante de novas condições. Pois através da linguagem do sujeito, o pensamento se elabora e assim a angústia se torna concreta e corpórea, estimulando a comunicação de alguma forma da pessoa para o profissional, construindo um contato entre o sofrimento e a fala sobre isto que incomoda, de maneira que possa fazer sentido a angústia da pessoa.

Em vista disto, Rosa et.al., (2022) apontam que as ações do psicólogo(a) durante o evento, deve promover um ambiente seguro e fora de risco, pois as situações de desastres e emergências levam ao sujeito a uma desorganização de seu sistema pessoal e interpessoal. Uma vez que esta desorganização é ocasionada pelo primeiro contato com a situação que desestabiliza o sujeito, o profissional da psicologia, precisa contribuir no processo de elaboração do sofrimento que o sujeito apresenta, o trazendo para um campo estável e de segurança, divergindo da situação de crise vivenciada.

Sobre isto, Daher et.al., (2017) chama a atenção para a interpretação do luto, sofrimento, da dor e angústia que o sujeito torna concreto perante o profissional e ele mesmo é o que configura uma possível tentativa de melhora em decorrência da fala e escuta do profissional e do sujeito, onde tais, também movimentam a pessoa de alguma forma para algum lugar. Então para que possa haver este processo reflexivo é preciso que o psicólogo proporcione um campo propício de segurança para a pessoa, para que a queixa dela se encontre em sua própria questão, ou seja: para que a demanda possa ser escutada pela própria pessoa e ser compreendida pela mesma, assim havendo resignificação de sua experiência.

Neste sentido o luto possibilita o acesso a uma reconstrução simbólica daquilo que se tinha com a realidade, onde o tempo necessário para acontecer este processo é variável. Logo não cabe impor um tempo ao luto do outro, pois é um processo onde só quem está vivendo consegue de fato sentir e a partir disto viver de/em uma nova vida, visto que o luto é individual para cada um. Deste modo, a perda, o luto, não são uma teoria, mas uma vivência, uma vivência que é necessário se familiarizar, na tentativa de compreender ou amenizar o sofrimento, de maneira humana e afetuosa (Arantes, 2021).

Atrelado a isto, Kock et.al., (2023) afirmam que as intervenções do profissional da psicologia decorrente do luto, devem estar pautadas no presente, pois a forma com que a vítima reage com a situação de crise estabelece conexão com a interação que ela teve com tal evento. Então o luto, permeia esta interação entre o cenário atual e a internalização que a vítima faz com o evento, assim, o luto é vivenciado de maneiras diferentes por cada pessoa e comunidade.

Em vista disso, as condições em que as vítimas estão, afetam a sua saúde física e mental, então é preciso que o psicólogo consiga executar seu trabalho partindo de sua ética profissional e com responsabilidade, retirando essas pessoas deste cenário e trazendo para um ambiente favorável a intervenções pontuais, desde grupos terapêuticos e de apoio, ao aconselhamento psicológico. Assim, as vítimas tendem a responder melhor às ações de intervenção (Shoygu, 2014).

Isto posto, Kock et.al., (2023) contextualizam que o impacto das situações de desastres e emergências na vida das pessoas diferem de um modelo padrão para enfrentar a situação com o luto, uma vez que ele é compreendido de maneira singular perante cada sujeito. Por conseguinte, o profissional da psicologia proporciona suas ações conforme a demanda oriunda do sofrimento, tal qual é dito por aquele que interpreta que está sofrendo; a vítima.

Desta forma os autores comentam que a partir da linguagem do sujeito, observa-se na escuta, a maneira pela qual as suas dores vão sendo colocadas como protagonistas de sua existência naquele momento, onde a busca por uma tranquilidade implica em vivenciar a dor de maneira que esta possa ocupar um lugar de movimento na atual relação com a vida da pessoa (Chaves e Henriques, 2008).

4.3 O sofrimento sobre a interface do aconselhamento psicológico na construção da práxis

Sigmund Freud (1930/2021) em sua obra *O mal-estar na cultura* apresenta que o sujeito está ligado a uma comunidade/"massa" que contribui para tornar este atuante neste âmbito, tal qual que o constitui e, assim a maneira que as pessoas respondem a determinado fenômeno é relacionada com a cultura e os fatores primordiais da existência, que o acompanham desde a infância ao longo da vida, que marcam e carregam a maneira de enfrentar as demandas do cotidiano (massa) em que este sujeito está existindo.

Logo, Gomes (2008) mostra que compreender esta premissa é fundamental para entender o cenário de atuação do profissional da psicologia nas situações de desastres e emergências, uma vez que esta, estabelece um elo com o processo de formação do sujeito e a resposta em massa proposta por Freud, abrindo um campo para o aconselhamento psicológico que é uma proposta de intervenção nesta área; ou seja, esta compreensão acerca do desastre/emergência na vida das pessoas acometidas por situações de crise.

De modo que nesta linha de pensamento, a atribuição da prática de aconselhamento psicológico em cenários de emergências, de catástrofes e crise, é adotada como meio de mediação da tragédia. Portanto, compreender este processo é identificar o cenário de atuação, assim como métodos e trâmites que fazem parte deste campo. Então, para entrar neste meio, se torna presente a concepção do que se trata o aconselhamento psicológico e a sua utilização nestas situações (Gomes, 2008).

Onde Freud (1921/2021) utiliza como ferramenta de trabalho; em seu texto *psicologia das massas e análise do eu*, a realidade psíquica do sujeito em sua singularidade e em massa, em vista disso o que é de material para o profissional da psicologia é aquilo que está sendo emergido pela pessoa, outrora seja o que está sendo verbalizado por sinais e sintomas que o sujeito apresenta diante daquilo que o cerca. Sendo assim, discorrer sobre a prática de profissionais da área da saúde mental nestas situações, é refletir o impacto disto na vida do sujeito e como este profissional poderá intervir nisto, uma vez que este processo é construído com as pessoas e com os profissionais.

Assim o autor esclarece que esta perspectiva pode levar ao infamiliar diante da vida das pessoas que irão presenciar situações onde suas metodologias (maneiras) de viver serão abaladas por trazer um novo contexto do que é este viver e sobreviver, devido a um fenômeno que não se tem controle, ter causado um impacto grave, e em massa e pessoal, para o sujeito. Por conseguinte, estas situações, ocasionam condições desconfortáveis para a pessoa e a comunidade, isto é, de acordo com aquilo que ambas estavam habituadas, o que potencializa um estranhamento perante a situação que esta pessoa/comunidade passa a vivenciar (Freud, 1921/2021).

Então, Mattedi (2008) considera que a forma que o sujeito estrutura a sua percepção sobre o que lhe ocorreu é correlacionada com a sua visão de risco e como isto afeta sua saúde, tal visão é decorrente de um mecanismo de memória do sujeito que traz à tona aquilo que marcou a vida desta pessoa, onde o manejo do profissional também se oriunda com o que a pessoa traz a partir do uso da palavra, tal qual pode ser verbal ou não verbal e serve de instrumento para uma nova conjugação de vida do sujeito.

Deste modo o aconselhamento psicológico não dá ênfase àquilo que o sujeito traz como sintoma patológico, mas sim ao processo na formação de um sintoma para além do sintoma do corpo, atribuindo conexão ao que se tem como emergência pela pessoa e aquilo que ela mostra como sintoma. Então a escuta do inesperado no aconselhamento é também a escuta dos sintomas não ditos do discurso do sujeito, para que o psicólogo(a) articule a sua prática pelos sintomas, com o intuito de criar uma nova posição destes, diante do sentido atribuído pelo sujeito (Daher et.al., 2017).

Tais propostas contribuem perante a elaboração da queixa do sujeito, onde se tornam mais eficientes diante do cenário que este se encontra, pois o sofrimento carregado terá um lugar de escuta e atenção, o que estimula a continuar existindo mesmo vivenciando a dor do luto e compreender este processo natural do sujeito, o que abre uma janela de reflexão, na qual o

profissional pode levá-la para a comunidade e a pessoa, onde mostrar os anseios e os desejos do sujeito, possibilita um enxergar para o futuro (Meller, 2015).

Diante disto, Daher et.al., (2017) aponta que o aconselhamento psicológico em situações de desastre e emergências faz uma tentativa ao resgate da narrativa da pessoa, para que ela possa expressar-se e sentir-se, possibilitando a sua própria escuta, criando uma nova percepção de seu contexto a partir dela mesma. Esta construção é possível apenas com a interlocução do profissional, para que o sujeito possa elaborar suas questões. Com esta implementação na atuação do profissional, é possível que este espaço do sofrimento no sujeito, possa promover um reposicionamento diante a queixa apresentada, levando a pessoa a se perceber no cenário que está.

Sendo que Meller (2015) afirma que dar voz a estas questões deixá-las fluir, pode contribuir com o sentido que o sujeito dá na situação que o mesmo se encontra. Portanto, intervir neste contexto é fornecer os primeiros auxílios de vida para as pessoas, promovendo a manutenção da capacidade de adaptação, é usar dos recursos que o meio promove; como o SUS (sistema único de saúde) e SUAS (sistema único de assistência social), Defesa Civil, a prestação de serviços dos órgãos que trabalham na situação, tudo que pode alcançar a continuação da vida em um primeiro momento onde:

O propósito das intervenções é conter ansiedades, auxiliar na descarga emocional, provocar a significação do que está sendo vivenciado pelo indivíduo, favorecer condutas participativas e promover a solidariedade entre as pessoas que sofreram com impactos dos desastres. Desta forma, a representação do desastre é derivada do sentido que essa situação tem para o sujeito que, por sua vez, é formada a partir das suas experiências particulares e coletivas. Sendo assim, na situação de desastre a magnitude do evento não é importante, mas sim o sentido que as pessoas atribuem para essas situações. Esse é o fator determinante para as diferentes reações das pessoas (Trindade; Serpa, 2013, p.287).

Portanto para Trindade e Serpa (2013), o aspecto da prática do trabalho de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências, está ligado não apenas em “tratar” a situação no presente, mas também em exercer uma ação que abranja a coletividade e o singular em sua subjetividade para a comunidade e as vítimas, pensando em cenas futuras e passadas além da cena presente, assim articulando ações pautadas na emergência do humano. Logo, propor um trabalho de pré-impacto “prevenção”, no impacto “no acontecimento” e no pós impacto “posvenção”, se torna ainda mais eficaz a intervenção que o profissional realiza.

Sendo que para Trindade e Serpa (2013) na etapa de prevenção, as ações de intervenção devem ser voltadas para prevenir ou mitigar o que pode acontecer, ressalvar o que é possível realizar durante o fenômeno, elencar medidas a serem adotadas caso venha a acontecer, aumentar a noção de risco do sujeito sobre situações emergenciais e de desastres, sendo que o intuito é atribuir sentido e familiaridade com o que pode acontecer. No contexto do impacto da catástrofe, a ação deve estar articulada com políticas públicas para preservar a vida e, em uma posvenção; acompanhar a comunidade e a pessoa e, construir melhorias para a sociedade se reerguer para a recuperação de ambas.

Mattedi (2008) defende que a construção da prática do profissional da psicologia neste campo deve ser contextualizada para a comunidade, compreendendo a percepção que esta tem sobre risco e desastre, levando em consideração sua própria cultura e costumes, respeitando suas crenças e trabalhando a partir delas, traçando em conjunto um cenário onde esta comunidade possa entrar em segurança. Também exemplifica que a segurança da comunidade afetada e dos indivíduos é importante para a construção de uma intervenção qualificada e traz um maior aprendizado sobre os eventos ocorridos, sendo que o convívio em massa contribui para que as vítimas possam juntas, caminhar para uma nova realidade.

Bruck (2009) define que o psicólogo precisa ter responsabilidade e integridade sobre suas ações diante a sua práxis. Logo perpetua-se que o contexto de emergência pode tira-lo da zona de conforto, mas que o profissional precisa estar familiarizado a isto, uma vez que sempre enfrentará o diferente. Neste sentido, é descrito que situações onde a vida é colocada

em primeira instância, podem causar incômodo, por serem imprevisíveis e também desequilibrar a onipotência do profissional que vivencia uma situação grave que exige e toma e atinge o limite do ser humano. Fazendo com que o profissional enxergue a fragilidade humana e a humanidade antes de atuar em campo.

Também traz que eventos traumáticos provocados pelas situações de desastres e emergências podem levar o sujeito a uma realidade alternativa criada por ele mesmo para suportar a dor causada pelo evento. Então, é preciso entender o sofrimento e angústia do sujeito e deixá-lo sentir e se expressar através disto e então trazer a pessoa para a realidade de fato. Contudo, o profissional precisa ter articulado suas intervenções com outros profissionais da área da saúde, para quando necessário estes também intervir em possíveis casos onde necessita de medicação e encaminhamentos (Bruck, 2009).

No texto de Freud (1915/2021) Pulsões e seus destinos, o autor apresenta que o sujeito é movimentado pelos seus desejos fisiológicos quando criança e durante a vida. Depois, contempla a este conceito; a atribuição de realização as necessidades, o prazer em ter o que deseja conforme aquilo que pulsa. Quando não se tem o que desejar e quando não há meios para a realização deste desejo, a angústia se origina e passa a movimentar este sujeito. Em situações de desastre e emergências, a vida é colocada em à priori, potencializando que este sujeito se movimente para algum lugar.

Logo, de acordo com Chaves e Henriques (2008) o aconselhamento psicológico propõem atendimentos breves e de demanda oriunda da angústia do sujeito, portanto é trabalhado com aquilo que pulsa e emerge diante do sofrimento, promovendo os primeiros auxílios para a manutenção da vida deste sujeito, para que tal possa gozar e elaborar, ou seja; direcionar a pulsão para a vida, logo, trazer este sujeito para uma nova realidade.

Freud (1915/2021) contempla que o destino da pulsão está em constante movimento, podendo ir e vir e se reinventar, onde isto acontece devido ao sujeito estar em uma constante mudança na vida. Então, em um atendimento na modalidade de aconselhamento psicológico a principal intervenção é ampliar as possibilidades e propor um suporte emocional, dando espaço para esta angústia ser sentida e verbalizada.

Portanto segundo Chaves e Henriques (2008) o aconselhamento psicológico enfrenta o inesperado, o novo, o que surge a partir de uma perda, uma dor, um desprazer, onde o organismo fisiológico influencia no estado do sujeito, o trazendo a experimentar um anseio cheio de incertezas. Portanto este serviço, busca acolher esta dor e dar sentido a pulsão e movimentá-la para a vida, pois no momento em que ocorre o fenômeno, o sujeito perde o sentido de uma existência, de parte dela. Logo, cabe ao profissional proporcionar meios para que possa haver uma elaboração de uma nova vida e um novo sentido de vida.

O aconselhamento psicológico vinculado ao desafio de estar sempre à mercê do inédito, se torna uma importante ferramenta de intervenção para o profissional, onde para a psicologia das emergências é fundamental que este profissional esteja preparado para tal modalidade de atendimento, visto que esta contribui para a melhora da vítima. A escuta breve, todavia única e atenta, propõe-se a lidar com as adversidades que o psicólogo de emergências se encontra, trabalhando com o não planejado, o inusitado, o novo e o que difere, o único e singular do sujeito e das comunidades. Onde um dos desafios do profissional é lidar com desejos, frustrações e limitações que a existências das vítimas trazem (Gomes, 2008).

Daher et.al., (2017) também discute que quando o sujeito verbaliza o que sente, o que passa pela sua cabeça de maneira livre onde não há julgamentos mas sim acolhimento pela parte do psicólogo(a), o próprio sujeito também se escuta [...] tornando-se mais autônomo diante de seu sofrimento, um sofrimento legalizado, podendo ser sentido e falado, para ai poder ser elaborado.

Neste sentido, Mattedi (2008) sustenta que a mediação de crises é tratada junto com a compreensão da magnitude do fenômeno e não de maneira separada. Isto é, as medidas de ação precisam ser elencadas juntas e não a parte. Logo as medidas de recuperação precisam estar vinculadas ao pré impacto e ao pós impacto do desastre e assim poder levar a população uma maior gama de possibilidades para garantir a vida. Logo é atributo da psicologia das emergências caracterizar inicialmente fatores que possam ameaçar as comunidades e os projetos de reestruturação e ação de trabalho para com as vítimas, afim de

organizar intervenções de fato. Sendo assim, os comportamentos das vítimas são emergentes da sua rede, ou seja; de quem está dando apoio a elas e quem vivenciou o evento. Então, a capacidade de reorganização de vida e o sentido desta, também é atribuída a rede que este sujeito está inserido, logo o trabalho do psicólogo(a) precisa fazer parte desta rede.

5. Considerações Finais

Diante de todas as asserções explanadas nas entrelinhas desta obra, considera-se que a psicologia de desastres e emergências vem crescendo demasiadamente devido à inerência de seu material de trabalho; o sujeito e aquilo que se tem como desastre/emergência. Sendo que o profissional psicólogo(a) deve atuar e articular suas intervenções dentro de uma rede com o intuito de facilitar a readequação de uma nova vida dentro de um sistema coletivo ou individual, que foi afetado por algo não esperado. Para que isto aconteça de fato, o profissional precisa estar sempre atualizado de acordo com o que irá propor como manejo interventivo, potencializando uma abertura para a promoção de saúde mental de quem foi afetado pelo fenômeno de crise.

Discute-se ainda a ideia do que tange de fato o significado de emergência e desastre para quem é afetado, onde a intervenção do psicólogo(a) também precisa estar baseada conforme a abertura que as vítimas possibilitam. Logo, cabe a este profissional levantar a pauta do respeito perante a vítima, tanto quanto a cultura, costumes, o luto e o processo de retomada a normalidade, refletindo até onde pode ir com suas intervenções, impondo limites e rearticulando as mesmas de maneira ética e eficiente para aqueles que precisam de seus serviços.

Também é essencial reconhecer a importância do processo de luto e quando a saúde mental foi fragilizada, pois o psicólogo precisa diferenciar o que é do humano e o que é psicopatológico, traçando encaminhamentos quando necessário e reforçando a vida em primeiro lugar, onde de fato é recorrente que em primeira instância essa seja a demanda do profissional: manter a vida viva para construir um novo caminho para viver. Deste modo, entende-se a necessidade do auxílio de políticas públicas desde a saúde a assistência social para a garantia do mínimo para existir, assim, trazendo a vida de volta para seu contexto.

Logo, este campo da psicologia, problematiza que os profissionais desta área sempre irão se deparar com o inesperado, com a complexidade e a ambivalência das situações, onde seu trabalho vai além de atribuir sentido às práticas estudadas e aplicá-las em lócus, pois este campo demanda que o psicólogo(a) seja também um ser humano, para assim, construir quaisquer planos de intervenção. Portanto, a entrada na psicologia de desastre e emergências é a entrada para o sofrimento, a angústia e a dor do ser humano e o que fazer com isto é a construção de uma práxis pautada no sujeito.

Considera-se então que o estudo desta obra convida os profissionais da psicologia a refletirem sobre suas próprias práticas e a elaborarem intervenções para além da teoria, mas de fato, com a vida em constante movimento. Deste modo, a discussão acerca da práxis de profissionais da psicologia em situações de desastres e emergências não visa acabar com o sofrimento daqueles que são chamados de vítimas, sujeitos, indivíduos, usuários de um sistema, pacientes ou clientes, de ser humano, pois é a partir do que se sente, que estes se orientam para a vida, para uma vida que há de fazer sentido para eles e não para o profissional em trabalho de suas demandas.

Então, as considerações desta obra, sugerem que haja mais humanidade e sensibilização dos profissionais que escolham atuar em constante conflito entre a vida e a morte, a vida e perda, a vida e o sofrimento, a vida e a dor, a vida e a angústia, e não acima de tudo, mas completamente importante, a vida para a vida.

Por fim, é importante que se realize mais estudos futuros acerca da temática de desastres e emergências perante a práxis de profissionais da psicologia para que explorem sobre a construção de tal prática. Deste modo, contribuindo para a sociedade acadêmica e a população comunitária com um trabalho mais efetivo e abrangente a todos os contextos que está

temática está inserida, promovendo uma atenção maior ao sofrimento humano oriundo da interface dos desastres e emergências.

Referências

- Arantes, A. C. Q. (2021). *Pra vida toda vale a pena viveaar*. Sextante.
- Barbosa, L. A. S., Damasceno, R. S., & Costa, M. S. A. (2023). Psicologia das emergências e desastres no Brasil: uma revisão de literatura. IMED.
- Bruck, N. R. V. (2009) Psicologia das emergências. SENASP/MJ
- Chaves, P. B., & Henriques, W. M. (2008). Plantão psicológico: de frente com o inesperado. Argum
- Coelho, A. E. L. (2010) A psicologia em situações de emergências e desastres. Jornal/CRP13.
- Conselho Federal de Psicologia/CFP (2013) Atuação de psicólogos em situações de emergências e desastres, relacionados com a política nacional de defesa civil. Nota técnica de 08 de maio de 2013.
- Conselho Federal de Psicologia/CFP (2021) Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) na gestão integral de riscos, emergências e desastres. Referência técnica de 2021.
- Conselho Regional de Psicologia/CRP-RS (2013) Entre linhas, enfrentamento de crises em situações de emergências e desastres. Caderno de orientações de 2013.
- Conselho Regional de Psicologia do Paraná/CRP-PR (2019) Orientações breves sobre a atuação da(o) psicóloga(o) na gestão integral de riscos e de desastres. Caderno de orientações de 2019.
- Daher, A. C. B., Ortolan, M. L. M., Sei, M. B., & Victrio, K. C. (2017). Plantão psicológico a partir de uma escuta psicanalítica. Semina.
- Frainer, J. (2020). *Metodologia científica*. Uniasselvi.
- Franco, M. H. P. (2021). *A intervenção psicológica em emergências*. Summus
- Freud, S. (1915/2021). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. In: As pulsões e seus destinos. Autêntica.
- Freud, S. (1930/2021). O mal-estar na cultura. In: O mal estar na cultura, sociedade, religião e outros escritos. Autêntica.
- Freud, S. (1921/2021). Psicologia das massas e análise do eu. In: O mal estar na cultura, sociedade, religião e outros escritos. Autêntica.
- Garcia, I. P., & Faria, H. M. C. (2020). A vivência do luto no contexto de desastres e emergências. UniAcademia.
- Gonçalves, R. S. P. (2019). O trabalho do psicólogo em situações de emergências e desastres. IJUI/RS
- Gomes, F. M. D. (2008). Plantão psicológico: novas possibilidades em saúde mental. SPAGESP.
- Kock, J, Andrade, M., & Mendonça, P. (2023) Notas introdutórias sobre a atuação do psicólogo frente às emergências e desastres coletivos. Revista da graduação em psicologia PUC Minas.
- Mattedi, M. A. (2008). A abordagem psicológica da problemática dos desastres: um desafio cognitivo e profissional para a psicologia. Psicologia. Ciência. Profissão.
- Meller, V. (2015). Primeiros auxílios psicológicos para indivíduos envolvidos em situações emergenciais e desastres. Diaphora.
- Oliveira, S. R, Conceição, P. W. R, Araújo, F. G. A, Sousa, C.P, Magalhães, G.S, Araújo, M. M. P, Pacheco, F. W. F. V, Coelho, D. E. M, Vieira, R. B. F., & Soares, M. L. (2022). Psicologia nas emergências e desastres: principais técnicas a serem utilizadas em situações de crise. Research, Society and Development.
- Organização Mundial da Saúde/OMS (2015) Primeiros cuidados Psicológicos. OMS/Genebra 2015.
- Rosa, A. C. S., Sousa, B. A., & Silva, G. A. G. (2022). A atuação de profissionais da psicologia na gestão de riscos e desastres. UMA
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática e revisão narrativa. Acta.
- Silva, J. C. B., & Menezes, J. A. (2021). Discursos sobre o risco no contexto da gestão de emergências e desastres. Psicologia em revista.
- Souza, M. T, Silva, M. D., & Carvalho, R. (2009). Revisão integrativa: o que é e como fazer. Revisão.
- Shoygu, J. S. (2014) Psychological aid in crisis and emergency situations: psychological follow-up by emergency-related professionals. Russian Psychological Society.
- Trindade, M. C., & Serpa, M. G. (2013) O papel dos psicólogos em situações de emergências e desastres. Estudos. Pesquisas. Psicologia.
- Weintraub, A. C. A. M, Noal, D. S, Vicente, L. N., & Knobloch, F. (2015). Atuação do psicólogo em situações de desastre: reflexões a partir da práxis. Interface.